

Jesus Cristo bebia cerveja (2015), de Afonso Cruz

Rosa:

“Rosa chupa pequenas pedras como rebuçados. São pedras que apanhou em lugares onde viveu algum tipo de felicidade ou de dor, momentos que não quer esquecer. Por exemplo, tem um seixo que apanhou junto ao rio onde ela e os seus pais foram comer borrego na Páscoa. Algumas pedras são bicudas e Rosa fere a boca ao chupá-las como rebuçados, mas gosta da sensação, da dor que se mistura com a recordação da felicidade e com o sabor da ferrugem do sangue ou da vida. Diz umas ave-marias e umas salve-rainhas e pede a alegria ou a dor, a mesma que a pedra ainda tem dentro dela. A pedra que a faz lembrar a mãe é pontiaguda e fá-la sangrar.

Limpa a boca à roupa e levanta-se para ir buscar um livro de cowboys. Pertenciam ao pai e são uma das suas poucas distrações, além de jogar à bisca dos sete quando a avó se mostra capaz de alguma lucidez. Há dois baralhos em casa, um com imagens de Viena e outro com mulheres nuas. Nenhum dos dois está completo, faltando um oito de espadas ao primeiro e um sete de copas ao segundo – uma mulher ruiva deitada de lado com um colar de pérolas e os lábios pintados de vermelho. Antónia faz sempre batota, jogando as cartas com as suas mãos lentas, com aquele tremor que parece água a ferver, e a neta finge não perceber as artimanhas ingênuas, ficando, no entanto, irritada e desistindo rapidamente. Por vezes nem chegam a acabar o primeiro jogo. Antónia diz que a neta tem mau perder e normalmente retorna ao seu estupor, volta àquela dormência da cabeça que se prolonga pelos braços, pelas pernas, até às unhas duras e amarelas das mãos e dos pés.

A estante do quarto de Rosa tem dezenas de westerns e alguns policiais. Já os leu todos mais do que uma vez e o livro que escolhe naquele momento, que é também o seu preferido, é A Morte Não Ouve o Pianista. A personagem principal, um pistoleiro chamado Harold Estefania, acaba por morrer no final, depois de matar a mulher que amava, deixando uma carta que termina assim:

Morro por amor, sem isso não vale a pena estar vivo. A minha vida foi feita para se entranhar na tua, como uma faca espetada no coração.

(p.50-51)

Miss Whittemore:

“Os almoços em casa de Miss Whittemore são lentos. Os Novos Deipnosofistas, como ela chama aos participantes dos seus almoços, sentam-se sem vontade nenhuma de debater ideias, mas o vinho acaba por vencer essas reservas.

- Como é que uma espécie de budista como a senhora tem tanto ego? – pergunta o professor a Miss Whittemore.

- Usa-se a lisonja para encher o ego – responde ela. – Este torna-se obeso, as artérias entopem, e o ego acaba por morrer de forma fulminante. É nessa altura que o Eu superior se manifesta.

A inglesa tem uma grande ruga a riscar-lhe a testa, olhos desaparecidos pela vida, lábios cheios de palavras por dizer. O cabelo é branco e preto, usa vestidos com que sonhou na adolescência, a maior parte deles orientais. Os seus sapatos já pisaram muitos países distantes e traz um relógio que era do seu tio, de ouro, com uma corrente que o prende ao pescoço, uma corrente que prende o tempo ao corpo.

(p.60-61)

O professor Borja:

“O professor Borja é um homem com mais de setenta anos. O seu passado prova-o. Tem vivido com toda a sua ciência, pois é um homem cheio dela. Usa barbas muito grandes e óculos de massa, a imitar tartaruga, muito graduados, por onde os olhos tentam espreitar. Tem as pestanas grandes e sonha com peixes na escuridão, usa fatos de flanela e uma pulseira de prata que, uma vez de ter o seu nome gravado, tem uma frase que diz “à noite também”. Escreveu e publicou, na sua juventude, um grande insucesso de divulgação científica misturado com tratado político-social e qualquer coisa de particularmente místico, mas que Borja considera apenas pura ciência. Titulado com pompa Uma Perspectiva Anti-Darwiniana da Evolução do Homem: Do Macaco às Amibas Que Vemos Por Aí, acrescido do subtítulo “A Origem dos Daquela Espécie”. Não vendeu Ada, mas o professor ainda hoje considera esse insucesso uma enorme injustiça. Gostaria, e acharia lógico, que as suas teses se tornassem provérbios, fórmulas químicas de sabedoria popular. Além deste livro, publicou também Apologia das Minhocas e Jesus Cristo Bebia Cerveja.”

(p.26-27)

Jerusalém:

“O professor Borja vai aparecendo no monte com alguma frequência. Leva sempre bolos e já nem bate à porta. Rosa está sentada num banco, com as mãos postas em oração, quando o vê entrar. O professor percebe que ela está a chorar, então aproxima-se, põe-se de cócoras e agarra-lhe as mãos.

Antónia está sentada junto dela, num momento de perfeita letargia, com um fio de baba a escorrer-lhe pelo queixo. O professor passar a mão em frente dos olhos dela, pra ver se há alguma reacção, mas ela não pestaneja, está com os seus mortos.

- Tudo o que ela quer é ir à Terra Santa – chora Rosa. – É só isso que ela quer. Ver Jerusalém e depois morrer.

- É difícil. Como é que a fazemos chegar lá?

- É impossível.

- O impossível é uma merda.

- Pois é.

- Mesmo que tivéssemos dinheiro para a viagem, ela não agüentava.

- Pois não. Mesmo que tivéssemos dinheiro.

- O melhor é esquecer Jerusalém.

- Sim, é impossível. Coitada da minha avó.

O professor encosta a mão direita à cabeça e reflecte, olhando para o tecto:

- Mas, tal como é possível não pisar a merda, é possível dar a volta no impossível. O que há a fazer é levá-la a Jerusalém.

- Impossível. Nós somos pobres.

- Claro, como quase toda gente.

- Trabalhamos, mas continuamos na miséria.

- Evidentemente. Se o trabalho desse dinheiro, os pobres seriam ricos, Mas não é disso que falo.

- Então?

- Se nós não conseguimos chegar a Jerusalém, temos de fazer com que Jerusalém venha até nós.

- Não percebo nada. É como Maomé e a montanha?
- É isso e é muito simples: temos de fingir que levamos a velha até Israel.
- Israel?
- É onde fica Jerusalém.
- E como é que fazemos isso?
- Espaço não falta. O que temos de fazer, ouça com atenção, é o seguinte: a aldeia que a inglesa comprou terá de ser disfarçada de cidade sagrada. Obrigamos as pessoas a usar camisa branca e fatos pretos, barbas postiças, chapéus, e aqueles caracolinhos que os judeus usam. A sua avó vai julgar que está na cidade sagrada.
- Mas não se vai de avião?
- Vai. O que nós vamos fazer é levá-la até ao Avião.
- O bar?
- Sim. Tem um excelente show de strip com Miss Stela. Quando chegarmos ao Avião, damos um sedativo à velha, alguma coisa pra dormir, de modo a que não se aperceba da impossibilidade de aquele bar levantar voo. Depois, tiramo-la do Avião e levamo-la para a aldeia, que estará disfarçada de Jerusalém.
- Será possível?
- Claro.
- E como é que explico à minha avó que tenho dinheiro para a levar à Terra Santa?
- Não faço ideia. Mas hei-de pensar numa solução.
- E a inglesa concordará?
- Concordará.

(p.109-111)

Jesus Cristo bebia cerveja:

O professor agarra as mãos de algumas pessoas e obriga-as a dançar em roda, cruzando as pernas, com a variante fugaz de se dirigirem ao centro e levantarem as mãos. Vai buscar Antónia e empurra a cadeira para o meio do

salão, e todos começam a girar à volta dela. A velha ri-se como há muito não fazia e Rosa também se sente feliz. De repente, a meio de uma dança, Borja caminha para a mesa onde se desenrola a Última Ceia e manda retirar o vinho, pois é um erro histórico. O Cristo está impávido, mas São João acha que não faz sentido e afasta o seu copo do alcance do professor, que começa a discursar:

Ninguém sabe, caros Jesus Cristo e seus apóstolos, por que razão o homem se sedentarizou, já que está provado que ser nómada dá muito menos trabalho. Então porque sucedeu essa mudança radical? Muito simples, vou explicar-vos, queridos apóstolos e Nosso Senhor: foi a cerveja. Para ter cerveja era preciso cultivar. E assim nasceu a sociedade como a conhecemos. Graças à cerveja, temos hospitais e bibliotecas. Não existiriam livros se não fosse a cerveja. Não existiriam escritores nem ciência. Os nómadas não têm nada disto, porque andam de um lado para o outro e as prisões não podem ser transportadas, tal como as tipografias e os hospitais e as livrarias. E tudo isso se deve ao facto de alguns povos terem querido beber cerveja e, para isso, precisarem de se sedentarizar. No tempo de Cristo, no vosso tempo, andavam todos a beber cerveja. Na verdade, as bebidas alcoólicas confundiam-se entre si, pois era normal juntar frutos a bebidas de cereais e cereais a bebidas de frutos. Mas o que é certo é que o Egipto tinha inúmeras cervejarias e exportava grandes quantidades para Palestina. O que se bebia no espaço geográfico em que Cristo habitava era cerveja. O vinho era uma bebida dos ricos, dos opressores, como a inglesa que nos governa, mas a dos pobres, das putas e dos pecadores. Isso é que era a cerveja, um símbolo do povo. Jesus Cristo bebia cerveja, que sempre foi chamado de pão líquido, pois é verdadeiramente pão com água. É a mesma levedura a transformar o cereal. Fouqueret dizia que a cerveja deveria substituir a hóstia, pois é um pão vivo, que borbulha, não é essa coisa insípida e espalmada e sem fermento que os padres espetam na boda dos fiéis. Em verdade, em verdade vos digo que se o grão não cair na terra e morrer, não dará fruto. A cerveja é a ressurreição dos grãos, a sua nova vida. É preciso morrer para isso, é assim que se inicia a fabricação da cerveja. O grão apodrece e transforma-se em malte, que depois se torna álcool, que os antigos chamavam espírito. Deviam acabar com essas porcarias achatadas e dar às pessoas algum motivo de alegria. Deus não esconde a sua inexistência nessas coisas por levedar.

(p.213-214)